No total do país, a produção aumentou 1,7%, de acordo com o IBGE.

Quanto à safra a ser colhida em 1994, a primeira sob a vigência do Mercosul, o clima frio do atual inverno foi favorável. De acordo com informações do Centro Nacional de Pesquisas de Uva e Vinho, da Embrapa, o inverno deste ano esteve dentro da normalidade e apresentou as características necessárias a uma cultura perene de folhas caducas, como é o parreiral. O mês de agosto, porém, foi muito seco, apresentando por vezes temperaturas elevadas. Isso fez com que variedades precoces, em regiões mais quentes da Serra Gaúcha, antecipassem a vegetação (iniciaram a brota), o que vem provocando falta de uniformidade nas lavouras. De qualquer modo, como ainda está-se iniciando o ciclo vegetativo, não é possível definir a repercussão sobre o produto a ser colhido no início de 1995.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

CAFÉ

São Pedro, o grande estrategista

Nos últimos dois séculos, os fenômenos climáticos, com destaque absoluto para as geadas no Brasil, periodicamente solucionaram crises de superprodução de café. Acordos entre países produtores e consumidores, tentativas de entendimento entre exportadores e até queima de estoques atenuaram os efeitos da grande oferta. Mas, na hora H, foram as geadas no Brasil que se encarregaram de ajustar a produção superdimensionada ao nível efetivo da demanda, provocando, é claro, significativo aumento das cotações.

E desta vez, será a mesma coisa?

É evidente que o produtor que possuir café no armazém ou o que estiver localizado em regiões não atingidas pelas geadas terá muitas oportunidades de realizar ótimos negócios. Calcula-se que, em 1994, as regiões não prejudicadas pelas geadas produzam 10 milhões de sacas de 60kg. Considerando apenas essas regiões, a alta dos preços propiciou aos detentores dos estoques um ganho extra potencial de US$600 milhões a 900 milhões. Esse ganho será bem maior, caso se considere a produção total de 1994, ou o aumento da produtividade, em 1995, que certamente acontecerá nas regiões não prejudicadas pelas geadas em virtude dos melhores tratos culturais viabilizados pelos preços mais remuneradores.

Quem possui café estocado ou áreas produtivas preservadas obviamente está em ótima situação. Aliás, como sempre esteve, em momentos como o de agora. O que não é nada óbvio, porém, é prever o futuro da cafeicultura brasileira após as geadas de 1994, cujos efeitos estão sendo agravados em virtude da seca que atinge o Centro-Sul do país.

Finalmente, o ajuste da oferta

Logo após a suspensão das cláusulas econômicas do Acordo Internacional de Café (AIC), alguns analistas calculavam em dois a três anos o período necessário à normalização do mercado. Foi necessário, porém, um espaço de tempo ainda maior, basicamente porque os principais países exportadores — exceto o Brasil — insistiram além do previsto na estratégia de ampliação de suas fatias de mercado, mesmo à custa de pesados subsídios.

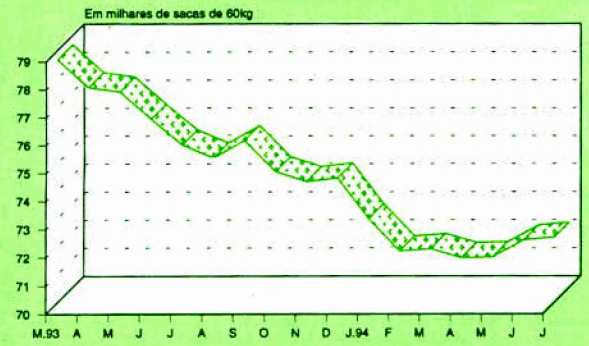
A disputa por espaços de mercado acabou por transferir para os países consumidores, a preços extremamente baixos, parcela expressiva dos estoques oficiais e privados dos países produtores (ver gráfico 1). E, regra antiga do mercado de café, quanto maior a disponibilidade do produto já transferido para os portos consumidores, maior a pressão baixista sobre os preços.

Algumas prefeituras tentaram estimular o plantio de novas áreas. Esbarraram em uma dificuldade de ordem prática: a falta de mudas de café.

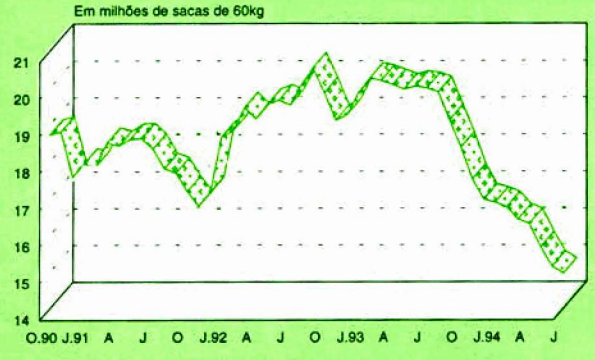
Durante o segundo semestre do ano passado, os estoques dos países consumidores finalmente começaram a dar sinais de queda continuada. Essa informação, associada às estatísticas de redução das exportações totais, tornou mais seguras as indicações de que a recuperação dos preços se avizinhava (ver gráfico 2).

Em paralelo, as negociações com vistas à formação da Associação dos Países Produtores de Café (APPC) evoluíam razoavelmente. Por iniciativa de lideranças do segmento, as autoridades governamentais brasileiras finalmente aceitaram dialogar com os representantes dos demais países produtores de forma conseqüente. Em outubro de 1993, entrou em vigor o programa de retenção de parcelas das exportações dos países filiados à APPC. O programa foi implantado de forma precária. Ainda assim o mercado logrou melhoras e, rapidamente,

Exportações de café verde e solúvel para todos os destinos
(países-membros da OIC)



Café verde: estoques nos países consumidores



Fonte: Febec.

as cotações atingiram o patamar correspondente ao da suspensão do regime de retenções.

E julho chegou, vieram as geadas e as cotações explodiram...

Até a entrada em comercialização efetiva das safras dos países centro-americanos (novembro e dezembro), o Brasil permanecerá na confortável posição de único fornecedor mundial de quantidades maiores no mercado disponível.

Por isso, até mesmo a revisão para maior da estimativa do Usda, relativa à produção de 1994, atuará em sentido positivo. O relatório do Departamento de Agricultura dos EUA, que prevê uma quebra na safra de 1995 da ordem de 40% em razão das geadas, apresenta também uma revisão, de 23,5 milhões de sacas para 26 milhões, em relação à quantidade colhida em 1994. Esse dado, em princípio baixista, poderá azeitar um pouco os negócios no Brasil nas próximas semanas.

A questão que permanece na mesa — e que deverá dominar os debates ainda por bom tempo — refere-se ao *status* que será conferido à cafeicultura brasileira nos anos vindouros. O Brasil certamente seguirá sendo um importante país produtor, até porque, apenas para suprir o mercado doméstico são necessárias cerca de 10 milhões de sacas anuais. Será, porém, capaz de preservar sua posição de principal exportador mundial?

As regiões mais intensamente prejudicadas foram justamente as produtoras dos cafés de melhor qualidade. Os produtores vêm de um período relativamente longo de vacas magras. Mesmo aqueles que resolverem apostar novamente no café encontrarão dificuldades. Especialistas calculam que o custo de implantação de um hectare de café, o qual só dará os primeiros frutos três anos depois, está em torno de US$1.500. Algumas prefeituras tentaram estimular o plantio de novas áreas; esbarraram, porém, em uma dificuldade de ordem prática: a disponibilidade de mudas de café é extremamente restrita, em razão da pouca atratividade recente da implantação de cafezais.

Os principais países concorrentes enfrentam problemas semelhantes. Porém, as áreas de produção estão em condições de alavancar imediatamente os níveis de produção. Os fundos de apoio à cafeicultura, a maioria exaurida pelo longo período de guerra de preços, estão organizacionalmente preservados.

Não há garantia alguma de que o Brasil venha a superar mais essa crise, preservando sua posição de líder mundial do mercado de café.

Esse fato, por outro lado, poderá estimular algumas iniciativas com vistas a diferenciar o café brasileiro no exterior. "*Descomoditizar* o café" — esse é um neologismo cada vez mais comum nas principais regiões de produção. São iniciativas, muitas já em estágio de implementação, que visam a obter um café de ótima qualidade, formando *blends* normalmente associados à região produtora, e a comunicar esse fato ao consumidor final. Há também iniciativas de comercializar o café brasileiro no exterior com marca própria.

É um grande desafio. O *marketing* de café verde da Colômbia fez o consumidor associar qualidade ao café colombiano. Comercializar café brasileiro com marca própria no exterior esbarra nos interesses das poderosas empresas torrefadoras internacionais. Além disso, a política comercial do café, ao longo das décadas de intervenção governamental, levou o produtor a se colocar de costas para o mercado. Mas é com a obtenção de café de primeira qualidade, com o uso adequado dos instrumentos de *marketing* e com os olhos voltados para os desejos dos consumidores que o café brasileiro poderá recuperar espaços importantes no mercado internacional.

REGIS ALIMANDRO